**O RECONHECIMENTO E AFIRMAÇÃO DO *OUTRO*: APORTES ÉTICOS E FILOSÓFICOS DE MARTIN BUBER E ENRIQUE DUSSEL.**

Palavras Chaves: Ética da libertação; Alteridade; Palavras-principios.

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os posicionamentos éticos-filosóficos de dois filósofos contemporâneos acerca da vida. Isto é, as contribuições dos autores, fora de um âmbito exclusivamente teórico, para uma dimensão prático-social.

O estudo que aqui é aprimorado, é de caráter teórico bibliográfico. Onde, através de um estudo de um conjunto de obras, como artigos, livros e teses sobre o objetivo que aqui será apresentado: a filosofia e a ética propostas por Enrique Dussel e Martin Buber como meio de reconhecimento e emancipação, em uma dimensão prático social de sujeitos e comunidades que foram/são encobertos.

O esboço tem como aspecto teórico a discussão sobre as condições (ou a falta delas) dos indivíduos que não possuem uma participação política ativa ou acesso aos diálogos autênticos em meio à sociedade estabelecida. Sobre a negação da sua cultura e de seus corpos, de modo que as filosofias criticadas pelos autores partem de uma posição subjetivista e totalizantes.

Uma indagação que trata/tratará da história de dominação sobre os indivíduos que foram segregados, buscando o entendimento de tal ato, que a história e a filosofia não se preocuparam em apresentar. Fundamentada principalmente nas mais importantes obras dos autores: *Filosofia da libertação – Critica a ideologia da exclusão* (1995); *Filosofía de la Liberación* (2011); *Ética da libertação – na idade da globalização e da exclusão* (2012); *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade* (1993); *14 tesis de ética – Hacia la esencia del pensamiento crítico* (2016); *Eclipse de Dios* (1984); *Do diálogo e do Dialógico* (1982); *Eu e Tu* (2001); *Você e Eu – Martin Buber – presença e palavra* (2001).

Buber e Dussel, por meio de uma filosofia política contribuem com os seus sistemas éticos-políticos para uma filosofia e uma ética que seja *em favor* e *para* a vida. Cada autor contribui ao seu modo, para uma negação da negação de sujeitos, isto é, uma rejeição das práticas de desigualdade e de desprezo.

Ao longo das narrativas da humanidade, as relações de poder e de controle de povos e/ou indivíduos sempre foram demarcadas e apresentadas no âmbito corpóreo; fazendo com que dificulte , dessa forma, uma maior problematização e apresentações de soluções éticas aos outros problemas da mesma temática. Um tema que é habitual ao que é proposto aqui, da relação de dominação e negação do Outro, é o tema da violência; isto é, tanto Buber quanto Dussel redigiram suas críticas às outras éticas, de características formais. Fazendo com que seja necessário um aprofundamento sobre as outras categorias de violência e a superação desse problema a partir do encontro com o *Outro*.

Mas a percepção da violência sob o signo da ética – não a ética formal e neutra, mas uma ética que possa servir de guia à ação, como a proposta por Martin Buber - exigirá uma fenomenologia dos sentidos. Isso se apresenta na medida em que se a entende como a privação imposta ao outro do ato de falar, ouvir e olhar, privação esta que se expressa desde os condicionantes psíquicos e materiais para tal, até o ato físico propriamente dito, dimensão última da violência, mas não única. Sob esse viés a violência será sempre uma interdição à palavra do Outro. (MENDONÇA, 2003, p. 17).

Uma breve apresentação sobre os protagonistas desse trabalho contribui para uma melhor compreensão de suas contribuições. Martin Buber, filósofo e judeu, elabora um sistema filosófico com base em uma vertente judaica – o hassidismo – e na correlação com Deus, uma conexão que serve como manual às ações e relações sociais. Sendo Buber um pensador de difícil classificação, considerado um filósofo atípico, cuja a possibilidade de encaixe cabe a uma filosofia da vida, como reconhece o professor Newton Aquiles Von Zuben em *Eu e Tu* (2001), isto é, o cuidado com a vida se evidencia à custa da (má) experiencia sofrida pelo próprio autor, face à violência do período conflituoso, tomando como ponto de partida a dor da sua comunidade judaica (não sendo esta a sua única referência) que foi perseguida e assassinada. Ganhando um evidente notoriedade pela sua proposta de harmonia e de não-violência.

Buber apresenta em meio a um período de guerra, a sua ética do encontro e da relação, em que os seres, ao contrário do que estava acontecendo, pudessem se reconhecer de maneira equitativa e recíproca, “que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade” (BUBER, 2001, p. 09). As críticas de Buber são, desse modo, direcionadas principalmente à dominação por parte dos egóticos, sendo eles, pessoas que possuem consciência de si como um ente-que-é-assim e não-de-outro-modo, isto é, são incapazes de ver a totalidade de outros seres, praticantes de uma relação de dominação e de utilitarismo.

O diálogo e encontro com o *Outro* perpassará, à princípio, pelos escritos de Buber, que se inicia falando sobre sua biografia, que é inseparavelmente e fundante sobre sua filosofia. Nela, discorrerá acerca do encontro e relação das palavras- princípios: Eu-Tu e Eu-isso.

“As atitudes, como veremos adiante, se traduzem pela palavra-princípio Eu-Tu e pela palavra-princípio Eu-Isso. A primeira é um ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. A segunda é a experiência e a utilização, atitude objetivante. Uma é a atitude cognoscitiva e a outra atitude ontológica” (BUBER, 2001, p. XLIV).

Na relação, no encontro entre Eu-Tu, Buber afirma que é necessário a presentificação do Outro/Tu, pois, é nesse encontro que os sujeitos se afirmam e se constroem como e enquanto seres recíprocos, salvo às suas diferenças. Reitera Buber (2001) “A palavra princípio só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade”.

Buber diferencia duas atitudes fundamentais do homem diante do mundo, traduzíveis pelas duas Grundworte (palavras-fundantes): Eu-Tu e Eu-Isso, cada uma expressando um modo de existir. O par Eu-Tu manifesta o encontro de parceiros na reciprocidade e na mútua confirmação, e o par Eu-Isso, a objetivização, a requisição utilitária. Cada dualidade é uma totalidade em que os "eus" não são idênticos, mas expressam diferentes possibilidades existenciais: a relação ontológica Eu-Tu e a experiência objetivante Eu-Isso.” ( BARTHOLO JR, 2001, p .79).

No vínculo entre as pessoas, o face a face demonstra-se valoroso como instrumento ético de reconhecimento, visto que, no Eu-Isso abre espaço à manifestação do egótico, à uma relação objetivante, não existindo uma correlação de alteridade entre o Isso e o Eu. Não subjugando o Isso à uma atitude ruim, mas de função sistemática, organizacional. É uma atitude que é imprescindível ao homem enquanto modo de existência. Dessa forma, Buber Condena o indivíduo que se contém somente à atitude *Isso*.

De acordo com o professor Newton Aquiles von Zuben em *Do diálogo e do dialógico* (1982), o diálogo é para Buber, uma importante ferramenta da manifestação da vida, onde o reconhecimento e relacionamento dos homens acontecem, em reciprocidade, no qual a sua existência possa ser manifestada em toda sua totalidade.

Por outro sentido, o Filósofo argentino Enrique Dussel, contribuiu a partir de suas pesquisas acadêmico sobre ética, filosofia política e história da América latina, que serviram para fundamentar a desprovida realidade de sua população, elaborando primeiramente a sua *teologia da libertação*, que posteriormente foi acusada de estar mais próxima de uma ética.

O contexto, como abordado anteriormente, é de suma importância para uma melhor compreensão dos pensamentos dos autores. Dussel, a partir da história e da pobreza vivenciada na América latina e a das discussões com outros filósofos, como: Emmanuel Lévinas, Karl otto-Apel, Immanuel Kant, Karl Marx, Martin Heidegger, etc., elaborou a sua Ética da libertação.

A descoberta da miséria do meu povo, percebida desde a minha infância no campo quase desértico, levou-me à Europa e à Israel. Ia, assim, descobrindo, como frisava o filósofo mexicano Leopoldo Zea, em sua obra América en la historia (1957), que a América Latina se encontra fora da história. Era preciso encontrar para ela um lugar na História Mundial, partindo da sua pobreza, e, assim, descobrir a sua realidade oculta. (DUSSEL , 1995, p. 14).

A ética e a filosofia da libertação proposta por Dussel se afirma para além de uma posição teórica-filosófica, refere-se à uma ética do cotidiano que se apresenta como uma opção política pelas vítimas do sistema-mundo. Cabendo à filosofia o dever de partir do realidade, como corrobora Zimmermann em *América Latina o Não-Ser – Uma abordagem filosófica a partir de enrique Dussel (1962-1972)* (1987).

Toda filosofia que não parte do real não é filosofia verdadeira, autêntica. Na verdade, todos os filósofos tentaram a partir do real, entretanto, este real foi e é entendido de modo muito diverso por cada escola, cada filósofo. (ZIMMERMANN, 1987, p. 43)

Assim como Buber, Dussel também constitui seus pensamentos como um recurso de reprodução e afirmação da vida e de autonomia aos sujeitos, cujo o foco do discussão acontece na crítica à modernidade e ao eurocentrismo 3 , na relação (de poder) entre o eu e o Outro (que o autor conceberá como vítima).

[...] por meio de sua Filosofia da Libertação analisa o processo opressivo da dominação, em que uns se tornam senhores de outros no plano mundial, questionando o discurso da modernidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 92).

Buscando nas obras dos autores citados aqui, uma perspectiva que sirva como instrumento prático e crítico (à modernidade) e os pensamentos que justificam a violência dos sistemas vigentes e de possibilidade ao diálogo pleno entre eu e o outro (enquanto outro) e a afirmação da sua alteridade. Concedendo a oportunidade da fala recíproca entre sujeitos, o que significa dar voz àqueles que se encontram a margem do mundo.

Ao demonstrar a violência contida no período moderno, Dussel, expõe a sua ética – Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão- que se trata de uma ética do cotidiano e em favor da maioria excluída pela história e pela globalização. Constitui a vida humana como causa final das relações, para aqueles que foram/são silenciados. E elucida através de diálogos com outros filósofos, e através da história das eticidades o porquê da sua proposta e não, a reprodução de outras.

A ética da libertação não pretende ser uma filosofia crítica para minorias, nem para épocas excepcionais de conflito ou revolução. Trata-se de uma ética cotidiana, desde e em favor das imensas maiorias da humanidade excluídas da globalização, na presente “normalidade” histórica vigente. As éticas filosóficas mais em moda, as standard e até as que têm algum sentido crítico, com pretensão de serem pós-convencionais, são éticas de minorias (claro que de minorias hegemônicas dominantes, as que têm os recursos, a palavra, os argumentos, o capital e os exércitos) que, frequentemente, podem cinicamente ignorar as vítimas, os dominados e afetados-excluídos das “mesas de negociação” do sistema vigente, das comunidades de comunicação dominantes; vítimas sem direitos humanos promulgados, não percebidos pelo ethos de autencidade e sob o impacto da coação legal e com pretensão de legitimidade (DUSSEL, 2012, p. 15)

Do mesmo modo que Dussel reconhece a importância do reconhecimento da vida, afirma que, o diálogo, o consenso entre indivíduos autônomos e livres, reconhecidos como seres racionais, diferentes do Eu- moderno, um reconhecimento de não como seres inferiores, mas em sua autenticidade e alteridade é uma grande ferramenta para afirmação da vida como objetivo final. A passagem da recusa da existência para a vivencia de fato, do não-poder-ser-vivente para o dever-ser-vivente, essa passagem, de acordo com Dussel, é o princípio da libertação daqueles que se encontrem à margem do sistema.

As obras dos pensadores que aqui estão sendo apresentadas, possuem uma grande característica de uma filosofia que também é pautada pelo contexto sociais dos autores, isto é, carregada por uma vivencia latino-americana, no que diz respeito a Dussel, e ao judaísmo Hassídico, experienciado por Buber. Ambos carregam uma história e uma vivência de perseguição e violência. Frutos de um período hostil.

Com as contribuições dos autores, situar o homem marginalizado e/ou ofuscado, ficará mais evidente. Pois, as suas filosofias se preocuparam, e ainda se preocupam para a construção de um diálogo autêntico, de possibilidades ao reconhecimento, em direção à uma vida plena, fora da visão totalizante daqueles que possuem o poder para tal.

O aporte filosófico que aqui está sendo abordados por dois autores, deposita o seu devido grau de importância no que diz respeito a violência, e a denegação da presença ou manifestação de outros seres. A opressão, como defende Buber e Dussel, não acontece somente no âmbito físico, ocorre também no campo da expressão, quer dizer, a censura às quaisquer manifestação humanas, tais como: culturais, epistemológicas, filosóficas, politicas, artísticas etc., faz com que a existência plena daqueles que as querem não aconteça.

O caminho à se seguir em sentido à liberdade e à construção de sujeitos autênticos, agora, norteia-se sob as perspectivas de Enrique Dussel e Martin Buber. Portanto, faz com que a pesquisa, para além de um enriquecimento a respeito do estudo, aponta para uma formação e construção de uma política de não-dominação de sujeitos.

**REFERÊNCIAS**

BARTHOLO JUNIOR, Roberto S. Você e Eu: Martin Buber, presença e palavra. - Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BUBER, Martin. Eu e tu/ Martin Buber; tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. – 8. ed. – São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_\_. Do diálogo e do Dialógico. Tradução newton Aquiles Von Zuben. Sâo Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_\_. Eclipse de Dios – Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1984.

DUSSEL, Enrique. Filosofía de laLiberación/ Enrique Dussel. - México: FCE, 2011.

\_\_\_\_\_\_. Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão/ Enrique Dussel; [tradução Georges L.Maissiat]. - São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_\_. 1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt/ Enrique Dussel; tradução Jaime A. clasen – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_\_. 14 Tesis de ética: Hacia la esencia del pensamiento crítico. Madrid: Editorial Trotta, 2016.

\_\_\_\_\_\_. Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão/ Enrique Dussel; tradução de Ephraim ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. Orth. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MENDONÇA, Katia Marly Leite. Deus e Diabo nos detalhes: A ética em Buber e Adorno. Lua nova, No 60, p. 117-129, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Ética da libertação de Enrique Dussel: caminho de superação do irracionalismo moderno e da exclusão social, Conjectura, caxias do Sul, No 3, p.90-106, set./dez. 2012.

ZIMMERMANN, Roque. América Latina o não-ser – uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1987